

MEDIAÇÕES CONSTRUTIVAS COM AS MÁSCARAS DE MAZAGÃO: INTERAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE EDUCAÇÃO E CULTURA VISUAL

Ronne F. Carvalho Dias, Mestrando em Cultura Visual, FAV-UFG
Raimundo Martins, Professor Titular, FAV-UFG

Resumo: *Este estudo tem como objeto as máscaras da Festa de São Tiago de Mazagão Velho, analisadas a partir da perspectiva da cultura visual. A pesquisa visa construir interpretações sobre relações entre máscara e identidade, discutindo processos de aprendizagem ligados à feitura e utilização das máscaras no contexto simbólico da festa.*

Palavras-chave: máscaras, festa, visualidades, aprendizagem

Abstract: *The masks of the Saint James Celebration's at Mazagão Velho (State of Amapá, Brazil) are the object of this study. They are analyzed from the visual culture perspective. The investigation aims to construct interpretations focusing the relations between mask and identity, discussing learning processes linked to the production and utilization of the masks in the symbolic context of the celebration.*

Keywords: masks, celebration, visualities, learning

Introdução

Os Estudos da Cultura Visual têm como foco questões acerca da arte e da imagem e buscam compreender como esses “artefatos visuais” produzem sentidos individuais e coletivos, constituem modos de ver subjetivos e tecem redes cambiantes entre culturas. Esta pesquisa tem como objeto as máscaras da Festa de São Tiago de Mazagão Velho analisadas a partir da perspectiva da cultura visual.

O estudo investiga os significados desta festa através de um olhar sobre a produção e utilização de máscaras pelos participantes. Investiga, também, prováveis pontos de infiltração, resistência e hibridização que as máscaras podem apresentar em decorrência das influências de um mundo globalizado. A pesquisa visa construir interpretações sobre relações entre máscara e identidade, observando e discutindo processos de aprendizagem ligados à feitura e circulação das referidas máscaras no contexto comunitário da festa, compreendida como fenômeno simbólico.

Situada numa zona rural do estado do Amapá, a aproximadamente cinqüenta quilômetros de Macapá, a cidade de Mazagão realiza celebrações centenárias tais como a festa de São Tiago, eventos que refletem um longo

processo de formação multicultural que combina práticas e saberes étnicos, religiosos, estéticos e políticos.

Mazagão: um recorte de história

A Festa de São Tiago de Mazagão Velho acontece anualmente nos dias 24 e 25 de julho. A comunidade tem características rurais e cultiva vários festejos ligados à religiosidade católica e mesclados à influências afro e indígenas através de danças que compõem a festa. Embora a festa seja conhecida com o nome de São Tiago de Mazagão Velho, a comunidade foi originalmente denominada de Nova Mazagão, fundada em 1770.

A vila, planejada às margens do rio Mutuacá, braço do rio Amazonas, ganhou esse nome ao receber refugiados da colônia portuguesa que viviam em Marrocos, numa cidade também chamada Mazagão. Essa região, no passado, foi invadida e dominada pelos romanos e hoje é conhecida como Mauritânia. As famílias portuguesas que habitavam Mazagão eram freqüentemente hostilizadas pelas forças mouras que avançavam sobre seus territórios e conquistavam progressivamente as praças das colônias lusitanas. Depois de inúmeras tentativas de recuperação de seus territórios e diante de crescentes ameaças, a população de Mazagão foi deslocada para o Brasil, juntamente com seus escravos, por volta de 1769. Tal mudança, além de reduzir as despesas com a defesa da cidade e eliminar os constantes embates com as forças mouras, estava em sintonia com a política da coroa portuguesa de povoação das fronteiras da Amazônia, a fim de garantir a posse dessas terras e, evidentemente, suas riquezas.

A celebração da Festa de São Tiago foi iniciada ainda pelos primeiros moradores de Mazagão, isto é, pelos imigrantes luso-marroquinos aproximadamente no ano de 1777. Hoje a festa de São Tiago é reconhecida pelos próprios moradores como a manifestação mais importante de Mazagão Velho. É curioso lembrar que a troca do nome “velho” deu-se em razão de um surto epidêmico que forçou grande parte da população a migrar para outra localidade criando-se, assim, Mazagão Novo, sede atual do município.

De caráter eminentemente religioso, a festa revive e reconstrói as batalhas entre mouros e cristãos vividas pelos seus antepassados no continente africano¹. Segundo a história que os moradores contam, São Tiago

seria um soldado misterioso, anônimo, que aparecia durante as batalhas no continente africano, lutando ao lado dos cristãos e colaborando fortemente para suas vitórias. É parte do ritual tradicional do evento, a representação cênica da batalha entre mouros e cristãos, ocasião em que os moradores da comunidade revivem simbolicamente o confronto ocorrido na região de Marrocos. Centenas de pessoas são atraídas para a festa.

De acordo com a tradição oral e a encenação, os mouros eram liderados pelo rei Caldeira e queriam conquistar Mazagão. A guerra se estendia com vantagem para os portugueses. A estratégia de Caldeira era pedir o fim da guerra e presentear os cristãos com comidas envenenadas. Os lusitanos, desconfiados da armadilha, jogavam parte da comida para os animais dos mouros. Com a vitória que julgavam ter alcançado, os mouros realizavam um baile de máscaras oferecendo aos cristãos a oportunidade para salvarem suas vidas juntando-se aos mouros, antes do confronto final. No baile, usavam máscaras para não serem reconhecidos pelos seus superiores. Mascarados, os cristãos compareciam ao baile e distribuíam a comida envenenada para os mouros. O rei Caldeira também morria como resultado de sua fracassada estratégiaⁱⁱ.

Espaço e Tempo na Festa de Mazagão

Consideramos Mazagão uma ramificação de culturas, atravessada por um complexo espectro de formação cultural com (re)construções contínuas e valores conflitantes que se cruzam e se combinam. Transcendendo tempo e espaço, vemos a festa de Mazagão como uma

combinação de fragmentos provenientes de culturas diversas [que] também serve para destacar o ecletismo da vida contemporânea num mundo em que as tecnologias e os meios de comunicação e outras forças dispersam as dimensões do tempo e do espaço (FREEDMAN, EFLAND e STUHR, 2003, p. 57).

Através da história oral encontramos diálogos e aproximações com o ambiente das batalhas que a festa de Mazagão encena. Os relatos evidenciam um jogo de relações culturais que cria práticas de vida e de sobrevivência trazidas de culturas européias, africanas e árabes que mais tarde se deslocam para constituírem outros espaços comunitários aos quais se acrescentam, no

caso do Brasil, a cultura indígena. A troca dessas culturas fica evidente no campo simbólico e se manifesta através de suas manifestações estéticas. Nessas manifestações emerge um jogo cambiante de significados simbólicos que se reconstróem ao mesmo tempo em que se renovam.

Um artesão de máscaras com mais de 30 anos de atuação na festa faz o seguinte relato: “eu faço a máscara de qualquer modelo, o que eu vejo, na televisão, numa revista... (...) Todo ano eu mudo” (entrevista em julho/2007). O artesão se refere a um modelo de máscara a partir do qual ele cria variações chegando até vinte formatos a cada ano. As máscaras recebem pinturas e arranjos no acabamento.

As práticas de trocas culturais são agora fortemente influenciadas pelas imagens, em especial, das novas mídias. Algumas indagações orientam nossa reflexão: a tradição busca no presente algo para se manter? Algo para se renovar? De que maneira o tempo é re-significado?

A festa de Mazagão transcende tempo e espaço para além do Atlântico (VIDAL, 2005). De acordo com Efland, Freedman e Stuhr, a noção de tempo não é linear e a noção de espaço configura-se de modo multidimensional. Tomando como referência essa noção de tempo e espaço, podemos dizer que a história não se resume ao passado, mas se reconstrói por meio de interpretações, posições de sujeito e práticas locais.

De acordo com a perspectiva pós-moderna “não se considera que a cultura dependa de um determinado marco territorial. As culturas se entrecruzam, se mesclam e se impõem umas às outras gerando crises que terminam por alterar a configuração dos mapas” (EFLAND, FREEDMAN, STUHR, 2003, p. 49). Uma nova consciência de espaço é adquirida pelos meios de comunicação de massa e pela economia mundial (EFLAND, FREEDMAN, STUHR, 2003).

Ao estudarmos as máscaras da Festa de São Tiago de Mazagão Velho, rica em visualidades gestuais e imagéticas e em representações simbólicas, estamos buscando incorporar ligações múltiplas entre dados e interpretações sobre a máscara e suas relações identitárias para os sujeitos e seus espaços e, principalmente, os modos de aprendizagem construídos. Vale ressaltar que “o ecletismo e a apropriação de elementos históricos respondem a um marcado interesse pela integração do passado e do presente” (EFLAND, FREEDMAN,

STUHR, 2003, p.78), isto é, refletem uma disputa de intenções que vicejam nessas práticas simbólicas que também são sociais, políticas, ou seja, práticas de vida.

O ingresso ao Baile de Máscaras possui critérios específicos de participação como: ser do gênero masculino, ser adulto, identificar-se como da comunidade e estar mascarado, critérios que merecem observação e estudo mais detalhados. A prática de disfarçar o rosto e vestir uma fantasia vem de rituais mágicos e religiosos, desde a pré-história. De acordo com Amaral (1996), a máscara exagera características, amplia conceitos e mostra além das aparências. Ela afirma que “A máscara é sempre um disfarce que simula e transforma” (p.25). Para a autora, a máscara passa a ser vista como um objeto capaz de transformar seu portador no ser que representa, ou, de possuir capacidades de negociar com eles, não unicamente como objeto usado para sobrepor o rosto.

O Baile de Máscaras é um momento importante da festa. É ocasião marcada por múltiplas simbioses representadas pela diversidade de significados lúdicos, mágicos, estéticos e morais que caracterizam uma espécie de “rito de passagem”. É, também, o momento em que os participantes se submetem a um crivo tácito, ou seja, aqueles que não atendem os critérios de participação são hostilizados e considerados indesejáveis. Esse crivo silencioso manifesta de modo peculiar relações sociais de poder.

Cultura Visual e Educação – Algumas Questões

A cultura visual propicia espaço de estudo que possibilita a discussão sobre a imagem como manifestação estético-cultural, ou seja, uma consideração de relações sígnicas do cotidiano que aproximam artefatos visuais e pessoas. Tanto o objeto de estudo, as máscaras, quanto o sítio de investigação já não podem ser reduzidos à interpretação ou avaliação soberana de uma disciplina. Ambos são complexos, multiculturais, ambíguos, instáveis e contraditórios em suas naturezas. “O objeto pós-moderno caracteriza-se por certo ecletismo de beleza dissonante”, dizem Efland, Freedman e Stuhr (2003).

Essa combinação de significados ambíguos e às vezes contraditórios os autores denominam “dupla codificação” (p.78). Na perspectiva pós-moderna

o objeto não é tomado como centro de atração, isolado na sua matéria ou na sua condição formal. Pelo contrário, o objeto é parte constituinte da experiência visual, dos significados culturais construídos numa dimensão dialógica: intérprete-objeto.

Assim, nosso interesse ao realizar esta investigação é levantar questões e construir passagens que nos permitam elaborar diálogos com o fenômeno cultural e as práticas educacionais que o circundam. Conforme Efland, Freedman e Stuhr (2003), não dispomos de uma unânime e limitada definição de pós-moderno. Por mais acuradas que sejam as observações e interpretações, vale a pena lembrar que as “descrições do uso [do termo] diferem umas das outras e refletem perspectivas muito variadas” (EFLAND, FREEDMAN, STUHR, p. 56). Nesse contexto de diferentes versões e interpretações o menos perigoso é considerar as manifestações ligadas à festa como “uma forma de produção e representação cultural que só se pode entender levando em conta o contexto e o interesse de suas culturas de origem e recepção” (EFLAND, FREEDMAN, STUHR, p.77).

Pesquisar o fenômeno em questão como prática social é de grande interesse para a mediação entre cultura e educação visual já que pode apontar para um projeto de “ensino e aprendizagem aberto às vozes alheias, e em nenhum caso uma simples e arbitrária mescla de culturas diversas” (Ibidem, p.80). Esta compreensão nos reporta ao que Walter Benjamin chamou de “escovar a história a contrapelo”, ou seja, contra a idéia de um progresso que é menos real que ilusão, procurando escutar, no passado, as vozes que um dia foram caladas (KRAMER, 2008)ⁱⁱⁱ. Neste sentido, podemos dizer que uma das principais evidências de reconhecimento ou de indiferença a certos temas, está no ensino, especialmente no ambiente escolar.

Para Hernández (2007), é necessária uma revisão das narrativas dominantes na educação das artes visuais. Na atualidade, a cultura visual ganha importância ao “ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana das pessoas”, de suas construções sociais e das formas de análise da arte e da imagem, como “realidades” culturais. Por isso, o autor nos adverte para a importância de não descartar nenhuma vinculação dessas realidades com a vida, por mais simples que aparentem ser.

É preciso formar conexões extra disciplinares, temporais e espaciais para tentar responder às transformações no campo da arte e da imagem e suas relações com experiências subjetivas e coletivas (HERNÁNDEZ, 2007, p. 41-44). Deste modo, nossa tarefa nesta pesquisa é estudar o fenômeno da máscara em seu contexto simbólico, num campo envolvente da arte, da cultura visual e da educação, a partir de uma pluralidade de interpretações oferecidas pelos seus atores.

Segundo Martins (2007), é importante investigar, balizado na cultura visual, modos de construir na educação práticas culturais do ver e “analisar a produção de significado como resultado de interpretação dinâmica entre arte, imagem, intérprete e contexto” (p.38). Ou seja, com base numa abordagem interpretativa buscamos descrever e analisar elementos da cultura visual da comunidade de Mazagão encontrados na festa de São Tiago, sobretudo significados e práticas simbólicas deste processo, atentando para relações entre memória e presente, e para observações de suas manifestações culturais. Conforme Geertz (1973), o pesquisador deve construir um diálogo de mediação entre si e o outro, uma “descrição densa”, ou seja, construir uma leitura crítica sobre a máscara e os valores simbólicos que ela intermedia socialmente, considerando, ainda, as maneiras como as pessoas vêm a si mesmas, suas experiências na festa e o mundo que as cerca.

Na visão de Canclini (1979) sobre a produção simbólica, os objetos culturais assumem vários significados, a cada releitura uma nova interpretação. Para ele, o objeto de estudo da estética e da história da arte não pode ser exclusivamente a obra, mas o processo de circulação social em que os seus significados se constituem e variam. Além disso, é necessário compreender a dimensão simbólica da vida social através de interpretações de imagens, reconhecendo e identificando as várias possibilidades existentes ao redor do objeto.

Canclini (2000) também analisa relações de troca simbólica entre cruzamentos de culturas em tempos pós-modernos, não somente com referência a aspectos étnicos e religiosos, mas em especial voltados às manifestações estético-artísticas e seus aspectos híbridos. Assim, ele desmistifica tanto a idéia de uma tradição cultural autogerada pelo popular como dessacraliza a noção de arte pura autogerada pela tradição erudita.

Observamos, mais uma vez, a liquidez do conceito arte e o questionamento em relação à sua classificação num sentido hierárquico.

A análise do sistema simbólico onde encontramos as máscaras supõe uma tomada de posição política sustentada pelos estudos da cultura visual como valorização da própria comunidade. Supõe, ainda, considerar aspectos imaginários de intersubjetividade, assim como suas práticas sociais.

Mazagão Velho realiza tradicionalmente dezoito festas organizadas comunitariamente ao longo de todo o ano. É nesse contexto de um calendário festivo que as máscaras da festa de São Tiago estão inseridas, como uma peça de um grande jogo idiossincrático. Entendemos que há um sentido de necessidade, de reunir e festejar, algo que representa uma notória capacidade de trabalho coletivo.

Segundo Eagleton (2005), a cultura, antes considerada um conjunto de consenso “foi transformada em um terreno de conflito” (p.60). Para Hall (2005), identidades culturais estão acima de entidades políticas e são algo que produz sentidos – um sistema de representação simbólica. A cultura “é também uma estrutura de poder cultural” (p. 59). Intenções e interesses estão em jogo constantemente e não podemos nos deixar levar por qualquer espécie de ingenuidade ou neutralidade que as imagens possam sugerir, principalmente nas relações pedagógicas na cultura.

Também não se pode descartar nos estudos sobre cultura a lógica do poder do capitalismo tardio que, segundo Jameson (1996), é, por excelência, o sistema pós-moderno. A cultura é mais um produto como todos os outros no mundo. O autor ressalta que “o mercado raramente tem alguma coisa a ver com as escolhas e liberdade, uma vez que todas são predeterminadas” (p. 271-274). Assim, torna-se importante investigar os níveis de relações estabelecidas sobre os saberes locais e globais e os impactos dos pontos de influências.

Geertz (1989) fala sobre a necessidade de interpretar a globalização pós-moderna do visual como parte da vida cotidiana. Atuar no mundo exige interpretar múltiplos alfabetos, ler em sentido amplo “ao impacto da nova economia e das atuais condições culturais que nos levam a dar sentido ao mundo, a nós próprios e aos outros” (Hernandez, 2007, p. 59). Acreditamos que a partir dos estudos da cultura visual sobre o fenômeno das máscaras em seu contexto cultural será possível compreender e aprofundar conhecimentos

sobre a maneira como seres humanos dialogam e se integram ao mundo. Investigações desta natureza podem contribuir para tomadas de atitudes críticas e resultar em ações culturais de diálogo e reflexão.

Caminhos e Indagações Metodológicas

A experiência humana é mediada pela interpretação à medida que os indivíduos interagem uns com os outros. Esta compreensão caracteriza a abordagem interpretativa ao se constituir a partir dos significados do grupo pesquisado.

A descrição e análise que esta investigação constrói são, sobretudo, baseadas nas múltiplas interpretações e experiências vivenciadas dos participantes da festa. Utilizaremos a perspectiva da cultura visual para estudar a máscara como suporte imagético; mais do que simples objeto, para compreendê-lo em seu uso simbólico e entender como os próprios atores interpretam e problematizam suas práticas e valores diante de sentidos multiculturais, de infiltrações de significados da era globalizante. Como exemplo desta infiltração citamos a presença de máscaras industrializadas e referências de outros contextos culturais - homem-aranha, *Star Wars*, pânico, etc. – no baile da festa de São Tiago.

Com base nos procedimentos de pesquisa qualitativa do tipo etnográfico e com o foco de interesse acima descrito, pretendemos analisar os seguintes dados: imagens das máscaras, entrevistas com artesãos, usuários de máscaras e participantes da festa, incluindo uma mulher (não participante) que servirá de contraponto e de foco de visão externa ao evento embora participante da comunidade. Também analisaremos imagens de episódios da festa nos quais as máscaras ocupam lugar de destaque.

Nesta análise levaremos em consideração idéias como a de Renato Ortiz (1994) no que se refere a ser diferente. Para ele, isso não basta; é preciso mostrar em que há identificação, pois “não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos” (p.08). Assim, debruçamo-nos sobre as seguintes questões: como compreender níveis/tipos de diálogo da máscara com outros contextos multiculturais do pós-moderno? Como utilizar tais interpretações como narrativa para estudos da cultura visual?

Mazagão sofre certo isolamento pela dificuldade de acesso que é feito por meio de travessias de balsas e estradas de terra. Contudo, consegue atrair olhares de moradores urbanos do Estado do Amapá, assim como de outros lugares, durante o período do evento.

Para Canclini (2000), a cultura urbana apresenta-se como principal fator de intensificação da heterogeneidade cultural. A concepção de urbanidade também tem a ver com o “mundo rural”, pois um aspecto da heterogeneidade é que as comunidades periféricas criam vínculos locais de afetividade e de condescendência e saem pouco de seus espaços (p. 285). Essa condição faz surgir um caráter multicultural desse local.

Acreditamos que o estudo sobre os simbolismos e visualidades de máscaras do referido Baile não só auxiliam as discussões conceituais de tal fenômeno como constroem uma forma de compreender aspectos das relações identitárias dos participantes da festa. Além disso, este estudo também visa contribuir de forma significativa para nossa prática docente, possibilitando a reconstrução contínua do ser que cultivamos pelo aprender e ensinar. Segundo Hernandez (2007) a cultura visual traz novas contribuições para o processo educativo em artes visuais. Tais perspectivas “permitem refletir em termos dos fundamentos, das finalidades e das experiências para a aprendizagem ‘de’ e ‘pelas’ artes visuais na Escola” (p.42).

Notas

ⁱ Cf. a obra de Laurent Vidal, **Mazagão la ville qui traverse l’Atlantique**. Paris. Aubier, 2005.

ⁱⁱ site Brasil Arqueologia: <http://www.magmarqueologia.pro.br/MazagaoVelho.htm>

ⁱⁱⁱ KRAMER, Sônia. Educação a contrapelo. **Revista Educação**. São Paulo, nº 7, Biblioteca do Professor, pp. 16-25, março-2008.

Referências

- AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas**. São Paulo: Edusp, 1996.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia na prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- CANCLINI, N. Garcia. **Culturas híbridas - Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2000.
- _____. **A produção simbólica**. Teoria e metodologia em sociologia da arte. Civilização Brasileira, 1979.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. Marilda Oliveira de Oliveira (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Editoraufsm, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VIDAL, Laurent. **Mazagão - la ville qui traverse l'Atlantique**. Paris: Aubier, 2005.

Currículo Resumido

Ronne F. Carvalho Dias é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da FAV-UFG. Tem graduação em Educação Artística com habilitação em artes plásticas, pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. É professor da Escola de Artes Candido Portinari e membro da Pró-Arte - Associação dos Artistas Visuais do Estado do Amapá.

Raimundo Martins é Professor Titular da FAV e docente do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da UFG. É Doutor em Educação/Artes pela Southern Illinois University (EUA) e Pós-doutor pela Universidade de Barcelona (Espanha) onde também foi professor visitante. É membro da International Society for Education through Art (INSEA), da ANPAP e da FAEB.